

ANIMA+ 15

REVISTA CULTURAL PARA TODAS AS ESPECIES Número 15 · inverno - primavera 2004 · P.V.P 3,30 €

DISCURSO DE FIDEL CASTRO
em *The Life of Juanita Castro* de ANDY WARHOL

TOMAR PARTE

FRONTEIRAS

A RETRANCA

QUE ESCOITA O MIÑO CAMIÑO
DA GUARDA?

BANDA DESENHADA

TODOS VIMOS DE ÁFRICA

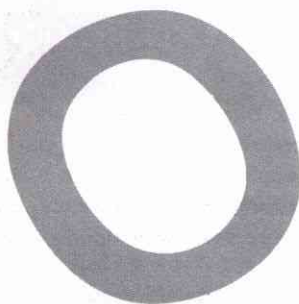


DISCURSO DE FIDEL CASTRO

EM THE LIFE OF JUANITA CASTRO DE ANDY WARHOL

por Alberto Pagán





O 28 de agosto de 1964 publicou-se na revista *Life* um artigo de Juana Castro, irmã de Fidel Castro, titulado “My Brother is a Tyrant and He Must Go”. Uns meses depois Warhol encarregou-lhe a Ronald Tavel, integrante do grupo do Teatro do Ridículo e guionista habitual do pintor, um guiom inspirado nesse texto, e o resultado foi *The Life of Juanita Castro*, humorística sátira política e surrealista paródia da revolução (que Woody Allen retomará em *Bananas*) ao tempo que da própria Juanita. Rodada em fevereiro ou março de 1965, inclui a presença do pintor cubano, e excunhado de Fidel Castro, Waldo Díaz Balart como figurante. Estreou-se na Film-Makers’ Cinémathèque de New York o 22 de março.



“ Fidel, Raúl e o Che estão interpretados por mulheres, subvertindo os roles sexuais e parodiando o tópico do guerrilheiro viril ”

A película consta de duas bobinas de 33 minutos de duração, sem cortes (agás o que empalma umha bobina coa seguinte) nem câmbios de plano. A câmara, fixa, enquadra umha dúcia de pessoas que representam a família Castro. Juanita, Fidel, Raúl e o Che estão interpretados por mulheres, subvertindo os roles sexuais e parodiando o tópico do guerrilheiro “viril”; tanto o Che como Raúl serão acusados de “afeminados” e “maricones” por Juanita. (Na versom teatral que Tavel montou com posterioridade o dramaturgo enfatizará a inversom dos roles sexuais fazendo que um home interprete o papel de Juanita.) Todas miram ao frente, seguindo as intruções de Tavel, o guionista, que se encontra entre elas e que le os diálogos para que as actrices os repitam. Em vários momentos a instrução é: “E agora mirade sorrintes a câmara para um retrato familiar”, mas actrices e figurantes, mirando fixamente de frente, nom olham para a câmara de cine, já que esta se encontra situada á direita enquadrando o grupo em diagonal.

Fingindo que a câmara está em frente (si haverá umha câmara nessa posição, polo menos temporalmente, mas será a do fotógrafo Billy Name, cujas fotos fixas da rodage nos mostram um enquadre frontal do grupo) cria-se um mui interessante jogo dialéctico entre o campo e o fora de campo, que acada a sua culminação durante o discurso de Fidel que reproduzimos (por vez primeira) a continuação: a actriz e autora da improvisação, Mercedes Ospina, após receber a instrução de Tavel “Começa o teu discurso”, ergue-se da sua cadeira e dá um par de passos ao frente, para situar-se diante dessa suposta câmara frontal, e em consequência saindo-se do quadro da câmara real, polo que durante a metade da sua arenga só ouvimos a sua voz e vemos unicamente a sua sombra ocultando a Marie Menken, a intérprete de Juanita. E será esta quem, com anterioridade, e sempre seguindo as intruções do dramaturgo, se porá de pé e mirará “a câmara” cumha “expressom malévola”, expressom que obviamente se nos perde ao achar-se a actriz fora de campo. Deste jeito a câmara, negando-se a fungir como simples espectadora da representação, reafirma a sua posição e reivindica o seu ponto de vista.

O monólogo de Fidel ocupa 14 minutos de película, iniciando-se na primeira bobina e encavalcando-se na segunda. Por primeira vez, a actriz nom repite as frases que lhe oferece o guionista, vendo-se obrigada a improvisar durante esse tempo. O texto resultante, recitado em castelhano, é um excelente exemplo de texto automático surrealista, criado a partir de improvisadas associações de ideias, que permite a expressom dumha corrente de consciência ou monólogo interior que bebe (coa ajuda de anfetaminas) do subconsciente da actriz e autora, como, quiçá inconscientemente, a mesma reconhece quando alude a “estas andanças polas estradas do subconsciente artístico e metafísico”. Atravês delas nom podemos menos que reconhecer a sua ascendência cristá e as suas simpatias (apesar da paródia) polas classes desfavorecidas.

O único cometido da actriz é encher esse espaço temporal com palavras, cousa que fai mantendo ao longo do discurso, mesmo nos momentos mais absurdos e hilarantes, um rosto impassível, tal vez consciente de que as suas companheiras e companheiros de reparto nom entendem a língua castelhana, como nom o entenderám as futuras audiências estadounidenses. De feito, um crítico da película, Steven Shaviro, menciona o “bad Spanish” da actriz, obviamente por ignorância, pois a sua dicção é perfecta. Mercedes Ospina, pressionada polo seu papel e a



O reparto mira ao frente, mas a cámara enquadra-o em diagonal.

presença da cámara, nom permite um só segundo de silêncio, mesmo acodindo à incoerente conta de números que um público nom hispanófono nom entenderá literalmente, senom como flujo lingüístico supostamente coerente, como metáfora do discurso.

Nos minutos finais Ospino tem que loitar contra os ronquidos do reparto: Warhol paródia aqui a nom habitual longitude dos discursos fidelianos mas tamém a das suas próprias películas (as oito horas de *Empire*, as cinco e vinte de *Sleep*). “Nom se me durmam, que este discurso é importantíssimo” converte-se assi numha instrução para o público: nom se durmam ante o aparente baleiro ou aborrecimento das minhas películas, porque som importantíssimas.



”

"...cria-se um mui interessante jogo dialéctico entre o campo e o fora de campo, que acada a sua culminação durante o discurso de Fidel que reproducimos por vez primeira"

DISCURSO DE FIDEL CASTRO

Por Mercedes Ospina, Ronald Tavel, Andy Warhol

Juanita: You leave me speechless ["Deixas-me sem palavras", literalmente "sem discurso"].

Ronald Tavel: Fidel, take out your little paper. Sniff it. Blow it. Up your nose. [Fidel esnifa a substância do papel.] And start your speech.

Fidel Castro (Mercedes Ospina) [Erguendo-se da cadeira e saindo de campo]: I think that those who really know and don't squeal are those who are the real thing. Eu creio que para passear-se polos poteiros dos campos hai que usar água de baptismo, hai que ter todas as cousas puras neste mundo, hai que ter papelinhos, hai que ter vacas pintadas de morado, e todos os nenos que queiram aprender a ler e escrever tenhem que ter lapisinhos de cores para aprender as cores distintas. Todas as pessoas que queiram ir, e que queiram escrever, tenhem que saber ler tamém, porque ao erguer-se para o almoço a gente na realidade nom sabe, a gente tem que empeçar umha civilizaçom, na que todo o mundo sabe ler, em ruso, em chinês, em inglês, em espanhol. Todo o mundo tem que saber poesia, [cantando] *volverán las oscuras golondrinas de tu balcón sus nidos a colgar*, e todos os nenos cativinhos, todos terám alparagatas. E quando empecemos a revoluçom, em que temos, por exemplo, cana de açúcar para todo o mundo, em que temos lápis de cores, em que temos... [Volve-se para que a ajudem a continuar.]

Ronald Tavel: Puta, puta!

Fidel Castro: Como! Que puta! Um dia habia umha pinha, umha pinha amarela. De repente caírom cores do ceu. Todo se volveu verde, amarelo, vermelho, todas as cores do rainbow.

Ronald Tavel: Nom é verdade!

Fidel Castro: Si é verdade. Nesta situaçom, nesta vida, hai que ter grande respeito polas cousas que de verdade valem, polos homes cativinhos, de pelo longo, polos homes gordos, polas putas, por todo o mundo que queira viver nesta vida.

Ronald Tavel: A tua mai é a mais grande puta que...

Fidel Castro: Nom, como! Nom insultes, isso nom é verdade, hai que ter fe, hai que ter respeito. E por exemplo, quando saem os homes que vam à batalha, e empeçam a pelejar, todos deveriam ir montados sobre pigs, sobre quiros. [Senta, volvendo entrar em quadro.] Continuamos aqui entom o discurso. A ver, digam algo.

Ronald Tavel: Mira-a por onde vem.

Fidel Castro: Mira-a por onde vem.

Ronald Tavel: A rainha do ceu.

Fidel Castro: A rainha do ceu, que virá, que traerá os frutos da sua vida a todos os labregos que estão neste mundo, e aos ricos tamém. Quando os *macanitos* vam buscar comida, buscam sempre *mushrooms* negros, buscam cousas que a eles lhes gostem, e comem. Todas as armadas do mundo deveriam ir montadas em cavalinhos bem pequeninhos, deveriam correr, galopar polo mundo. Quando caíam as *totumas* encherám-se de maçãs. Quando venham as chuvas, enterrarám todos os que dim mentiras neste mundo.

Hai que ter fúria, hai que ter convicçom no que um cre. Quando a gente cativinha passeia polos campos, entom deveriam sempre comer laranjas, laranjas boas, redondas, como as das igrejas; deveriam, eu nom sei que deveriam fazer; em fim, deveriam, todos deveriam fazer algo. Bom, já. Que, já. Eu nom sei que. Que mais.

Ronald Tavel: Passo rios, passo pontes.

Fidel Castro: Passo rios, passo pontes. Bailamos, cantamos, todos toleamos, todo é umha loucura.

Ronald Tavel: Os gringos americanos.

Fidel Castro: Os gringos americanos. A palavra gringo vem de *green grass*, *green grass*, que é pasto verde, e assi som, todos som pastos verdes, onde hai que caminhar, com passos pequeninhos. Bom. Eh.

Ronald Tavel: Mire, que é o que passa aqui.

Fidel Castro: Mire, que, que é o que passa aqui, alguém sabe que é o que está a passar aqui? Eu nom. Mas como ninguém sabe o que está a passar, que importa? Eu nom sei, vocês tampouco sabem, mas tenhem que vir comigo, porque na realidade o que eu estou a dizer é a verdade, o dito é igual que verdade, todas as cousas que todo o mundo di, e a única maneira de fazer as cousas na vida é com verdade. Por isso é que hai confusom, porque todo o mundo quer dizer a verdade.

Seguimos, seguimos estas andanças polas estradas do subconsciente artístico e metafísico, onde todo o mundo vai conquistar o mundo, e isso é o que di: Viva! Olé! Todo o mundo deve estar alegre, cantar cançons, boleros, tangos, todas essas cousas das que a gente gosta. Bom, já, já case acabamos, ou se nom, se nom acabamos, acabam comigo. Mas em fim, si, ainda nom rematamos. Daquela seguimos, seguimos dizendo que as luzes amarelas do mundo iluminarám as vaquinhas pintadas de morado, os labreguinhos, os cativinhos, os grandes... Que. Que senha...



"E agora que todo o mundo ria", di Ronald Tavel, momento que Billy Name aproveita para esta foto fixa da rodage, desde a posiçom da imaginária câmara à que mira o reparto.

”

"O texto resultante, recitado em castelhano, é um excelente exemplo de texto automático surrealista"

Ronald Tavel: Negra, negra consentida.

Fidel Castro: Como! Eu nom...

Ronald Tavel: Negra, negra vida.

Fidel Castro: Negra, negra vida. Quem? Eu? Nom. Você? Todo o mundo. Bom, seguimos. Contemos números: um, dous, tres, quatro, cinco, seis, sete. Assi é que se fam as revoluçõs, com números. Arriba eu! Abaixo todo o mundo nesta película! Arriba eu!

Ronald Tavel: Coas ovelhas eu comparo os homes.

Fidel Castro: Ah, mui bom. Coas ovelhas eu comparo os homes. Excelente. Hai que comparar os homes coas ovelhas. Os homes som ovelhas e as ovelhas na realidade som as que tenhem a força nesta vida.

Seguimos, seguimos adiante, hai que seguir sempre adiante. Temos que respaldar os movimentos que andam para adiante, e os que andam para atrás tamém, porque como o mundo é redondo os que vam para adiante de repente vam-se golpear com os que vam para atrás, e entom é importante que todos nos respaldemos porque ao toparmo-nos pode haber um choque. Ai, ai, ai, ai, que mais dizemos.

Ronald Tavel: Mi-a-mi.

Fidel Castro: Eh?

Ronald Tavel: Mi-a-mi.

Fidel Castro: Mi-a-mi. Que é isso?

Ronald Tavel: Florida.

Fidel Castro: Florida, a Florida, si. Queda perto que? Quedam perto as ilhas, as Canárias, como os canarinhos que cantam na noite. Entom, seguimos aqui. Às vezes acaba-se-me a corda e nom sei mais que dizer. Que mais dizemos? Hai que ter fe e esperança neste mundo! E vibrar com vibraçõs fortes e dolorosas, e olorosas tamém, porque os olores neste mundo som mui importantes, o olor, por exemplo, das madressilvas quando cantam pola manhã, um olor exquisito, um olor... Todo o mundo deveria estar perfumado com perfumes de Paris.

Quando vinherom os conquistadores e toparom umha quantidade de *supermarkets* onde a gente comprava tarrinhos pequenos de cousas de comer, deu-lhes fúria e empeçarom a formar grupos de gente dentro dos quais se topava eu. Despois de que formaram os grupos de gente passaram-se ao paraíso terrenal e começarom a ter serpes e maçás e cousas assi. Dentro desse ambiente puderom-se formar exércitos que puderom conquistar as naves do mundo.

[A umha indicação de Tavel, Juanita interrompe a Fidel, falando em inglês sobre o seu discurso.] Um momentinho, nom comecei ainda a... Um momento! Um momento, que assi nom se fam as cousas. Você nom está na verdade, você nom sabe que a agricultura do mundo, e as *mojigangas*, e os monicreques, nom tenhem nada que ver com...

Um momento, assi nom se podem fazer as cousas; tenhem-se que fazer com orde, e com sinceridade... Ah, si, como os pobres labreguinhos, os *guajiritos*, os *guajiros* que giram arredor do mundo. Essas cousas nom se podem derrubar tam doadamente, essas cousas tenhem que vir dum dia para outro, e tenhem que vir rapidamente, cumha força, como os cans que andam por todo o mundo.

Ninguém quer escoitar-me, todo o mundo se está dormindo. Por que, por que nom querem ouvir-me. Nom querem porque nom crem na verdade das cousas. E, por exemplo, quando as casinhas, as choçinhas pequenas dos campos que se derrubavam coa chuva e quando vinham as serpes do paraíso terrenal e quando caíam as maçás das árvores e quando vinham as *mojigangas*, entom todos os quirinhos comiam *mushrooms* negros.

[Tavel dá instruções ao reparto para que durma sonoramente.]

Um momento, nom se me durmam aqui durante o discurso, que este discurso é importantíssimo. Bom, já, estou recordando, já nom sei o que estou a dizer. Sigamos contando numerinhos: cem, cem, douscentos, trescentos, quatrocentos, quinhentos, todo o mundo tem que saber contar, todo o mundo tem que saber ler e escrever, a, be, ce, che, de, e, efe, ge, agá, etcétera, etcétera, etcétera, quando acabamos um tema entom dizemos etcétera que quer dizer e o *que segue mais adiante*. Quando acabamos com este tema daquela seguimos com outro tema ainda mais adiante desse.

Seguimos falando sobre as possibilidades do mundo para reformar-se, e para ter carrinhos desses que empurram polos *supermarkets* para todo o mundo, para colecção de flores nos campos. Esses carrinhos deveriam-se usar para levar as alparagatas ao mercado, para pôr sombrinhas quando chove. Parte da educação da civilização é levar sombrinhas quando chove. A gente que nunca usou umha sombrinha quando chove nom pode saber essas cousas, mas quando a um lhe dam sombrinhas negras, sempre negras, entom tu sabes que a gente chegou a umha culminação de civilização incrível.

Mui importante na leitura é que todos os bebés que nom andam deveriam saber...

Ronald Tavel: Queres umha taça de chá?

Fidel Castro: Como! Como me interrompe cumha taça de chá? Neste momento estou a falar de hieróglifos chineses, todos os bebés tenhem que saber ler e escrever em chinês antes

de que nazam, todas as mais do mundo deveriam se encarregar da educação dos seus filhos, do furor, da violência, que os vas botar quando tenham seis anos. [Ante os sonoros ronquidos:] Ouço que a gente nom está mui interessada, mas pensem de verdade que lhes está a cáir no subconsciente. Quando están dormidos caio-lhes ao subconsciente, porque essa é a única maneira de cambiar a gente, é a única maneira em que a gente se vai pór nas suas posições, onde se encontram neste minuto. Isso é o que se chama revolução, quando a gente cai dentro da trampa, quando a gente cai dentro dum oco.

Ronald Tavel: We must use these people. Say it.

Fidel Castro: We must use these people.